

# A GRINALDA.

VOL. I. N. 11.

## JORNAL DOS DOMINGOS.

DOMINGO 12 DE NOVEMBRO DE 1848.

Na lida da humana vida  
Deve por-se de perneio,  
P'ra suavisar o trabalho,  
Adistracção e o recreio.

---

**A GRINALDA** Subscreve-se nas lojas de papel dos Srs.  
Cardozo & Comp.<sup>o</sup>, rua do Ouvidor n.<sup>o</sup> 91; Passos na mesma  
rua n.<sup>o</sup> 152; Teixeira & comp.<sup>o</sup> rua dos Ourives n.<sup>o</sup> 21,  
a 25000 rs. por 12 numeros, avulso 200 rs.

---

### AS TRES ELORES

(Canto Virginico-instructivo.)

DE

JOSÉ ANTONIO DO VALLE.

As flores, que nascem na alma da  
uma virgem, tem o aroma da candida  
virtude, e recendem a sabiduria moral  
indifinida do seio de Deus, que nos não  
é dado entender.

Tão pura como os anjos, a virgem  
lê a historia da humanidade, e conhece  
a sua relação com o Creador.

Feliz é ella unicamente na terra.

### SEXTA PARTE.

DO SEIO DE DEOS.

—Sois feliz? meu pae-sinho; tendes feito tanto bem  
Thimoteo, si vós não fosseis, estaria triste e infeliz, longo  
da terra, que o viu nascer, e chorando por não poder  
alimentar seus filhos.

— Encarceces de mais um facto tão simples. Temos campo que excede ás nossas forças de cultivo; elle trabalhará connosco; dar-nos-ha belleza aos nossos valles com as suas plantações de arroz, de centeio e de trigo; e em paga lhe daremos um modico salario, conforme o que elle merecer. O homem que trabalha e sabe medir as suas necessidades, bem longe de sofrer as privações dos desvairados e prodigos, vive tranquillo, rico, e é sempre util aos outros. Feliz o que trabalha, que será ajudado de Deos.

— E' verdade, meu pae-sininho; exagerei muito o que fizestes; tendes mais juizo do que eu. Thimoteo vai-nos servir de muito; bem careciamos nós de trabalhadôres...

— Mas, minha filhinha, de trabalhadôres intelligentes e livres, e não de escravos brutos e immorais. Estes ultimos longe de aformosearem nossa terra, a tornam esteril e mancham com lagrimas arrancadas pelo sofrimento dos trabalhos forçados á que são sujeitos.

— Trabalhadôres livres?

— Sim, os unicos que fazem da agricultura a mae, a mais nobre e a mais antiga de todas as sciencias.

— Feliz ideia! Raimundo, o pae de Perpetua, é um homem intelligent e trabalhador, mas é pobre; sua familia é numerosa, e o milho, o feijão e a mandioca, que elle colhe, basta apenas para sustental-a parcamente, de sorte que qualquer doença o atraza. Ele vivirá bem connosco; não é verdade?

— Sim, minha expertinha.

Rosinha alevaptou-se da cadeira em que estava na saléte de seu pae, e saiu, dizendo:

— Antes da noite, meu pae-sininho, eu vos espero na porteria do corral, e ao brando luar da noite praticaremos sobre a nossa lição. Angelica lá estará connosco.

— As terras de meu pae, continuou ella saltando comigo, — o nosso campo tão bem que me tem visto crescer e me tem dado livres para enfeitar a minha trança, hâde tornar-se risonho e pingue de fruetos e de hervas, e tornar-se a habitação dos felizes. Oh! todos elles me amarão — e muito; e eu heide amar também muito á Deos, á meus paes e á elles — as minhas amiguinhas e os pobres — os nossos famulos.

A hora ajustada Rosinha não faltou, e estavam com ella Angelica e Perpetua. Esta ultima ella amava desde ha muito mas agora a havia posto debaixo de sua protecção; pois

nº aquelle dia, cançada pela sorte da família de Raimundo, o tinha empregado no serviço de seu pae. Estava por—issô satisfeita—.

— Que ceo tão lindo, meu pae-sinhe, disse Rosinha achando-se com os seus amigos; si eu ja não soubesse, agora acreditaria que ha fora d'este mundo uma outra vida. E isto a minha satisfação e o estado de minha alma! .

— Sentes a vida moral e vês diante de ti o mundo de Deos. A innocencia é metaphysica e nos conduz ao mundo moral.

— Falle-nos antes do mundo metaphysico; porque as minhas companheiras querem, como eu, saber o que é isso.

O mundo metaphysico é aquelle, que é formado pelos estes de relação existentes entre o mundo physico e o moral. Os conhecimentos que adquerimos n'este mundo formam diversas sciencias.

— E quaes são ellas?

— A Psychologia, que trata de nossa alma e da natureza das ideias; e a Ontologia ou Pneumatologia que trata da natureza de todos os espiritos ou forças que regem os fenomenos do Universo.

— A psychologia não se divide?

— Sim: ella é ou psychologia humana ou belluina. A psychologia humana dá-nos, alem do conhecimento da alma, o conhecimento das linguagens e de todas as suas variações. Assim a Grammatica, a Rethorica e a Poetica são ramificações da psychologia.

— E a ontologia?

Trata do conhecimento dos seres espirituas, quer intelligentes, quer inintelligentes, quer dynamicos, quer latentes. Quando nós estudarmos as acções espirituas, ou considerarmos abstractamente as propriedades das cousas, ainda mesmo as das physicas, temos estudado a metaphysica.

— Ja percebo!

Raimundo e Thimoteo ficaram estupefactos ao ouvir as palavras de Bernardo. As meninas muito contentes. E Bernardo disse consigo: « No meio desta boa gente acho-me quasi no séc de Deos. »

*(Continuará.)*

**AS QUATRO ESTAÇÕES DO DIA,  
POEMA EM QUATRO CANTOS**

Por J. F. L.

Que hora amavel! Espirão os savonios;  
Transmonta o Sol; o rio se espreguiça;  
E a cinzenta aleatifa desdobrando  
Pelas azuis diaphanas campinas,  
Na carroça de chumbo assoma a tarde.

HIMNO A TARDE  
POR HUM BRASILEIRO.

**A TARDE,**

**TERCEIRO CANTO, OU ESTAÇÃO.**

Proximo dessas altas serranias,  
Que cercão estes valles e collinas,  
Caminha o Sol formoso; e os flammejantes  
Ginetes aurierinos, pressurosos  
Vão com garbo seneado os densos áres,  
Para se harem lançar nas frescas ondas  
Do magno do Pacifico Oceano;  
Os seus obliquos raios, já mais fracos,  
Vão por estas campinas verdejantes  
As sombras das montanhas estendendo;  
Ellas refrigerando o outeiro, a varzea  
Vao do calor do Dia esandescidos;  
Deixando este Emispherio, se encaminha  
Para o outro Emispherio: este Horizonte  
Inda dos raios seus tocado existe,  
Revestido de purpura brilhante:  
Oh! que liado e gracioso entretimento!  
Esta cõr lá se vai amortecendo,  
Na gredelem se torna, e outras muitas  
Bellas e varias cores o matizão!  
Lá se vai expargindo a cõr cinzenta  
Por todo o seu espasso, e eis a Tarde  
No seu carro cinzeulo assoma leda.

Oh! deleitosa Tarde! Estação bella,  
De encanto e graças mil adereçada!  
Quão placida e risonha te apresentas  
Aos genios que aprecião teus encantos!

Nesta grata Estação tudo he mais brando;  
A asperrima Cigarra já cansada  
O canto impertinente vai sumindo;  
E a chusma dos plomosos Passarinhos  
Já não cantão com tão fortes acentos,  
Mais maviosos são os seus gorgeios;  
Os meigos Sabiás com mais ternura  
Os seus cantos alternão; os Favunhos  
Mais brandos se espriguição, e respirão  
Nos ramos das fragantes Languciras;  
E o Rio vagaroso, já movendo  
As frias águas vai pelos remansos.

O' Tarde, ó linda Tarde, moça amena  
Vem meiga, graciosa, e socegada  
Trazer para os que são laboriosos  
O placido descanso apetecido.

Que pittorescos quadros se apresentão  
Aos olhos nestas horas deleitosas!  
Lá naquella descida da collina  
Hum mancebo Pastor com graça tango.  
A sonorosa franta, e ao som della  
Hum joven lindo par dançando desce.  
Lá sobre aquella ponte vem passando  
De ovelhas hum rebanho, e o Pastorzinho,  
Seguido do seu cão, as vai guiando  
Para o vizinho aprisco, e vai cantando  
Com maviosa voz Canção queixosa.  
Outro lá na campina mais distante,  
Trepado n'uma ruína, ao som da gaita,  
Que elle mesmo fizera, o manço gado  
Junta em roda de si, e se prepára  
Para ao curral leval-o. Além nas grimpas  
De escabroso rochedo os Cabritinhos  
Galantes, e travessos vão pulando  
A poz das charas mães, ligeiros, destros  
Pela parte mais ingreme descendo,  
Para birem buscar à noite abrigo.  
Lá caminhando vão para o thegurio,  
Daquelle pittoresco e lindo Alvergue,

O bande numeroso das diversas  
 Das plumosas familias : eis os Patlos,  
 E os Marrecos lá sahem desse lago,  
 Cercado por hum lado de arvoedos,  
 As pennas sacodindo humedecidas,  
 E ao thegario tao bem se encaminhando.  
 Lá sobre huma collina agricultada,  
 O lavrador suspende a negra turma  
 Dos diversos trahalhos, que coberto  
 De pô, e de suor, depondo a enxada,  
 Delle se vão limpando, e se preparão  
 A hirém descansar na grata noite,  
 Da fadiga diurna em que estiverão ;  
 Elles partem ligeiros, e contentes:  
 Huns levão da Mandioca os cestos cheios,  
 Para della fazer-se no outro dia  
 A torrada farinha ; outros a lenha,  
 Os cestos dos carás, e das batatas,  
 E os cachos já devezes das bananas.  
 Eis do bello Casal já se aproximaõ,  
 E o assiduo lavrador : os tenros filhos  
 Saudosos se dirigem a encontral-o ;  
 Hum lhe pega na mão, e nella imprimõe  
 Ancioso seus labios carinhosos ;  
 Os joelhos lhe abraça outro contente ;  
 Outro aos braços lhe sobe, e meigo abraça  
 O pESCOÇO do Pai, que alegre, e grato  
 Com assagos lhe paga o seu affecto.  
 A terna Mãe, a carinhosa Esposa,  
 Que á porta vê gostosa a grata scena,  
 Saudosa não espera que elles entreiõ  
 Sem ser ao lado seu ; ella ao terreiro  
 Já sahe ao seu encontro, e entre todos  
 O spectaculo se vê mais deleitoso  
 De amor e de ternura. Oh ! do Campo  
 Vivenda preciosa e agradável !  
 Quanto és pura, feliz, e graciosa !  
 Os nobres Cidadões a não invejão,  
 Porque os teus attractivos não conhecem :  
 Elles neste momento talvez andem  
 ( Como é costume entre elles ) enfrontados  
 Da finíssima lâa nas ricas vestes,  
 Nas ceges recostados frouxamente.

A fazer comprimentos, e vizitas  
De mero formulario, e ceremonia,  
Insulsamente assim gastando o tempo  
Sem fructo, nem prazer té alta noite.

O' Homens venturosos, e felizes,  
Que tranquillos viveis na grata lida  
De cultivar os campos, os outeiros,  
De apaseentar os gados, quanto é puro  
Esse modo de vida que buscastes,  
Vós mesmo não sabeis aprecial-o.  
Ah! se vós confrontasseis estes quadros  
Da simples, da mimosa Natureza,  
Que esta doce Estação vos oferece,  
E visseis quão tranquillo he nestes sitios,  
E quanto nas Cidades turbulento,  
Vós lhe dirieis muito mais apreço,  
Vós bem dirieis os distinos vossos  
Com muito mais fervor, mais alegria  
O que fazeis agora? Descansando  
Do trabalho do dia, o pensamento  
Tendes todo ocenpado, e entretido  
No que haveis de fazer quando d'Aurora,  
Vos desparar do sonno, a luz formosa:  
Que he preciso colher o grão maduro  
Do rouxiado caffé, que va passando;  
Que da herva nosciva he necessario  
Limpar o feijoal ja florescendo,  
E á fresca horta levantar as leivas;  
Eis os cuidados, passatempos vossos.  
Não succedo outro tanto aos habitantes  
Da opulenta Cidade, onde o boticio,  
O alacido, e tropel das carroagens  
Não cessão senão quando he alta noite.  
O Cidadão que faz? A esta hora  
O injusto Juiz, pensando, existe  
Mordido dos remorços, na sentença  
Que déra injustamente, ou por empenho,  
Ou porque lhe batera o ouro à porta;  
O cortezão nutrido nas intrigas,  
Com outros seus iguaes só della trata;  
O homem do commercio, no escritorio,

Nas especulações todo ocupado,  
 Não dá do gabinete hum passo fôra;  
 Assim elles não gozão, não desfructão  
 Dos lindos arrebóes da bella Tarde,  
 Não aprecião seus encantos doces;  
 Nem tão pouco dos quadros prazenteiros  
 Da sempre encantadora Natureza,  
 Aqui de dia em dia produzidos  
 Com mil bellezas, mil encantos novos;  
 Da sâa simplicidade elles não gozão,  
 De huma vida frugal tranquilla e léda,  
 Izenta do fatal ruinoso luxo,  
 Livre dos pôdres vicios, das intrigas,  
 Dos partidos puliticos, da inveja,  
 Do capricho, do ódio, da vingança,  
 Do dôlo, d'ambição, da fraude e tudo  
 Quanto lá nas Cidades se alimenta.

Oh! mil vezes felizes, venturosos  
 Habitantes dos Campos! vossa vida  
 He digna de invejar-se, e possuir-se!  
 A noite ja lá vem desenrolando  
 O azulado manto, e vem trazer-vos  
 O placido socego, e o descanso;  
 Vós hedes desfructar tranquillo somno  
 Na vossa humilde choça, até que o canto  
 Do vigilante Gallo vos desperte  
 Aos primeiros crepusculos d'Aurora,  
 P'ra voltardes á lida da laboura,  
 Que socego vos dá, vos dá prazeres.

FIM DO TERCEIRO CANTO, OU ESTAÇÃO.

---

## A ARTE E O ARTISTA.

Será debaixo das vestes da riqueza, dos títulos e condecorações que se encontra a virtude e honestade? Encontrar-se-há só, no interior dos palácios, onde tudo denota grandezas? De certo não, na choepana do pobre, no albergue do mais infeliz, no mister do artista também se encontra. Sim no mister do artista que é uma missão dada por Deus ao homem para formosear o que outrora era um verdadeiro cahos, e para dar brilho ao que precise da mão do artista, porque essa grandeza que ostentão os grandes, foi alcançada com o suor do rosto desses artistas, e muitas vezes com o sangue de suas veias.

E' do artista compositor que especialmente falamos, dessa arte que El-Rei D. Manoel de Portugal appellará—nobre—; arte nascida em Maiyence, no 15.<sup>o</sup> seculo, e que se atribue a João Gutemberg natural de Maiyence que teve por companheiro a Jaques Montet, os quais em 1458 reproduzirão seus ensaios sobre a mais útil, é talvez a mais trabalhosa das artes, e a que se pôde chamar com verdade a chave da curta civilização, depois de regressar Gutemberg à sua patria pelos annos de 1449, ali se estabeleceu em sociedade com um ourives por nome Fust homem muito habil e engenhoso, de cujo nome se recordará sempre a posteridade. Foi nestas épocas que mais se desenvolveu a arte typographica, e rompeu as nuvens que lhe encobrião o seu verdadeiro brilho. Forão estes dous associados que conseguiram substituir aos caracteres moveis de pão, em outros esculpidos em metal, mas a excessiva despesa que exigia tal melhoramento os fez desanimar. Já a esse tempo um moço por nome Schoefor, que era domestico de Gutemberg, dotado de uma vivacidade e um genio pouco vulgar interceptou o segredo; dedica-se á emprosa, combina, indaga, e finalmente chega a elevar a imprensa ao grão das artes, depois de também haver inventado a tinta para imprimir. Fust, encantado de tantas descobertas em retribuição lhe deu sua filha em casamento.

Desde então até aos nossos dias se tem propagado, mas esses que tanto lhe devem, cospem sobre ella, e desdenham abraçar como irmãos aquelles que de coração se rotão a tão penoso trabalho. E neste seculo appellado da verdadeira luz, que se vai deixando morrer de inacção, talvez a mais útil das artes; o opositor assimelha-se ao

soldado que tem de obedecer desde o mais novo dos am-  
peçadas até ao commandante, mas o compositor não só se  
humilha ao paginador, author e proprietario como ainda  
mesmo a eríticas de revizores que lhe cortão sem dô nem  
consciencia no phisico e no moral. Muitas vezes o pobre  
do compositor tem que sujeitar-se aos inconvenientes d'uma  
casa sem claridade ( o que especialmente se requer ), outras  
vezes falta de typo, e algumas de originaes e finalmente  
pelo seu salario ( e excessiva ). Quantas occasiões um joven  
compositor sente dar onze horas da noite, horas de descanso  
para qualquer outro artista e elle, tem de ver-se na dura  
necessidade de supportar o terrivel incommodo do fumo e  
calor das lâzes que mais o ajudão a cobrir de raiva e de  
desespero ! Ali! que é então que o artista amaldiçoa o seu  
mister e a sua sorte, é então que sente evaecer-se uma a  
uma as fibras do seu coração ainda tão novo que pulsa de  
baixo do remendado saial de infortunio, e talvez da mize-  
ria ! Quanto daria elle para dizer como Julio Cesar, que  
dava uma coréa pelas caricias d'uma noite....

São onze horas da noite, horas em que o compositor  
deseja ver o objecto de seus amores, ou ter ido talvez ao  
theatro, o que muitas vezes tendo recebido bilhete para o  
beneficio de um seu amigo, lhe fica na algibeira perdendo  
dinheiro e o divertimento, outras vezes depois de excessivo  
trabalho do dia, desejava o refrigerio da noite—houve gri-  
tar pelo nome o paginador, com voz rouca que lhe  
anuncio haver novo original para compor ! Oh ! ó deses-  
pero ! O compositor que tem lavado as mãos, e vestido a  
cazaca, atira com o chapeo, arranca os cabellos, range os  
dentes e ás vezes tambem lhe corre pela face a lagrima  
precursora do desespero, o compositor recebe o original que  
compõe a sangue frio, mas o contar as horas fazem com  
que não possa suffocar a agonia que o devora e neste lu-  
tar, de trabalho e do desespero, os faz compor abundantis-  
simos erres; o revizor enche-lhe as provas de emendas, e  
ordena-lhe que tire segundas; são novas ancias para o com-  
positor, com a pressa com que deseja sahir, quebra a com-  
posição ! Sebe-lhe o calor ao rosto, bate o pé; não tendo  
outro recurso que tornar a emendar, dando ao Diabo a  
arte, e o tempo que levou em a aprender....

Deixemos agora o compositor joven, com todo aquelle fogo-  
dade aquella idade, e reparemos n'outro, pallido, abatido e de-  
vez em quando, lançando olhos para seu trabalho que se en-

## UMA LAGRIMA!..

Amor, que a todos  
Dá vida, encanto,  
Em mim soiente  
Disperga o pranto!...

Quando a aurora, sobre as flores,  
Vai as per'las espargindo,  
Ellas se abrem feiticeiras,  
Amor... amor... repetindo!..

E só eu não sou feliz,  
Só eu choro sem cessar;  
Porque deu-me Deos dois olhos,  
Um coração para amar.

Da noite, o astro luzente,  
Quando rico vem surgindo,  
Vem cadente, harmonioso,  
Amor... amor... repetindo!..

E só eu não sou feliz,  
Só eu choro sem cessar;  
Porque deu-me Deos dois olhos,  
Um coração para amar.

O sopro da briza bella  
Suavemente zunindo,  
Vai o espaço embalçamando,  
Amor... amor... repetindo!..

E só eu não sou feliz,  
Só eu choro, sem cessar  
Porque deu-me Deos dois olhos,  
Um coração para amar.

Do bosque o plumbeo cantor,  
Quando aos astros vai subindo,  
Vai, no canto que modula,  
Amor... amor... repetindo.

E só eu não sou feliz,  
Só eu choro, sem cessar;  
Porque deu-me Deos dois olhos  
Um coração para amar.

B. J. B.

## O SOPRO DA BRIZ

N'aurora da existencia ost  
P'os jardins lindas  
N'aurora da existencia murch

Anoso e curvo arvoredo  
Ostenta a sua grandeza  
N'um lugar onde prospera  
A ridente natureza.

E de seus vergados galhos  
Um pedunculo surgira,  
E na sua extremidade  
Lindo botão construiria.

Das trevas surgindo a aurora,  
N'um sorrie lagrimejou,  
Caiu no botão, o bago,  
E o botão desabrochou.

E esse botão que à pouco  
Mostrava nemhum valor,  
Veiu cumprir o seu destino,  
E agora chama-se—flor—.

E a alva estrella, que surgira  
Tão bonita, e tão fagaeira,  
Tão bem feita, e seductóra  
E' a flor da laranjeira !

E essa estrella é o diadema  
Que orna o seu pomo dourado ;  
E o aroma, que dá-lhe orgulho  
Traz o ar embalsamado !

E, d'essa florinha bella  
Que alegria ao campo deu,  
E' bem triste... bem mesquinho  
O porvir e o fado seu !

Inda infante... coitadinha !  
Mais tarde a briza soprou,  
E essa briza que sopráça  
Uma folha lhe arrepeou !

E apôs volvendo ligeira  
Por seu cheiro embellezada  
Viu a flor, com bem tristeza,  
Ser-lhe outra folha arrancada!..

Pelos euros que brincárão  
Na seguinte madrugada  
Foi-lhe o resto das folhinhas  
Uma, por uma, roubada!..

Oh! como semelha a flor  
A existencia dos mortaes?  
Como segue á risca a marcha  
Dos systemas naturaes?!

Nasce a infante creature  
Que o pae e mae alegrou;  
Vem a morte, e d'improvviso  
N'um sepulchro a encerrou!..

B. J. B.

---

### LOGOGRIPHO.

Co'a primeira mostro um pégo,  
Co'a segunda um grito dou,  
Co'a terceira um logar mostro,  
E co'a quarta um doce sou.

---

### CHARADAS.

## I.

Eu fui creado e nascido  
Com certo animal potente,  
A quem mata a dura Gente  
Depois de a ter servido.  
Não posso nelle escondido  
A suas mãos escapar;  
Depois de me torturar  
Com mil rigoreses tratos.  
Me pretendem os ingratos  
Pelo logo exterminar.—2

Verde foi meu nascimento,  
Tive morte d'afogado.  
Fui por muitos espancado  
Com duro e máo tratamento.  
Depois de tanto tormento  
Longo tempo ter soffrido,  
Houve quem compadecido  
De tanto mal me livrou,  
Que, o que fui já não sou,  
Hoje sou de todos querido.—2

Sou, diminutivo macho  
De semeia bem conhecida,  
Que da em panella ou lacho  
Triste sim à doce vida.

2.

Sobre a primiera das arvores—1  
Canta a segunda fagueira—2

Guarnecendo os fios d'ebano  
Traz a moça, prazeiteira.

Explicação da Clávula do n.º 10—Floresta.

### A HARPA BRAZILIENSE.

Periodico semanal, 16 pag., 8.º frances, contendo unicamente poesias brasileiras, escolhidas, modernas e ineditas. Preço da assinatura 3.750 réis trimestraes, na typographia do Mercantil, rua da Quitanda n.º 15, no do Senhor Teixeira e Comp., rua dos Ourives, n.º 21 e na rua de S. José n.º 45. Havendo 500 assinantes baixará o preço, por quanto o fito d'esta empreza não é o interesse, mas sim o desejo de dar a conhecer muitos dignos Brasileiros. Espera-se pois a coadjuvação de todos os Brasileiros que amam especialmente a poesia.

N. B. Só se começará a publicar havendo numero suficiente de assinantes.